

O FIGUEIROENSE

SEMANARIO IMPARCIAL, POLITICO, NOTICIOSO, LITTERARIO E RECREATIVO

PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR—FRANCISCO ANTONIO D'AGUIAR



ASSIGNATURAS

Um anno	1\$200 réis
Seis mezes	600 „
Para o Brazil, por anno.	2\$000 „
Para a Africa, por anno.	1\$200 „
Numero avulso	50 „

Annunciam se as obras das quaes se receba 1 exemplar.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

EDITOR—Alfredo Pires

Officina de impressão e Administração—RUA DA TORRE

PUBLICAÇÕES

Annuncios—cada linha.	40 réis
Repetições	20 „
Imposto do sello.	10 „

Originas sejam ou não publicados não se reatituum.
Annuncios permanentes e communicados
preço convencionado.

EM PRÓ DAS CRIANÇAS

Os pensadores tem vindo a glorificar a escola como sendo a instituição social de maior influencia nos destinos de um povo. Assim é, mas convem não perder uma cousa de vista, e vem a ser que a escola não é um fim, mas apenas um meio. Não devemos pôr na obtenção da escola ideal a meta das nossas ambições; cumpre-nos fazer consistir estas unica e exclusivamente na suppressão absoluta, completa e total de uma cousa que terá sido creada tão sómente para obviar a faltas e a deficiencias que de nenhum modo se devem eternizar pelos seculos alem.

Como? Aperfeiçoando-a, idealizando por tal modo o ensino e a educação ministrada nas escolas que á força de multiplicar o numero das pessoas bem educadas acabe toda a gente por sel-o, e por transformar os lares em outras tantas estancias ou templos de espiritual prazer, onde a cultura dos affectos se opere ao influxo do unico mestre accetavel, do mestre natural por excellencia—o pae.

A escola a tornar-se a si mesma indispensavel será um paradoxo, mas é uma verdade e uma necessidade. E essa tarefa incumbe a nós todos mais do que ao Estado. É por assim o comprehender que um cavalleiro hespanhol, residente em Malaga, e sr. D. José Garcia Toledo, presidente de uma sociedade que se destina a proteger os animaes e as plantas, instituiu cento e trinta sociedades humanitarias escolares annexas ás casas de ensino d'aquella cidade, tanto officiaes como particulares, e assim para um sexo como para o outro.

O objecto de taes associações, que são constituídas pelos alumnos das escolas, é difundir o principio do respeito aos velhos, inspirar compaixão pelos que soffrem ou pelas pessoas d'ereituosas, estimular o

carinho mutuo e o espirito de camaradagem entre os alumnos, formular a protecção ás creanças e aos animaes, e finalmente habilitar os pequenos a não destruir cousa alguma sem ser por necessidade evidente.

Este empreendimento é, como se vê, de um alcance enorme, visto que é nas creanças que reside a esperanza do futuro, e não basta cultivar-lhes a intelligencia para d'ellas fazer bons e virtuosos cidadãos. Com a intelligencia é indispensavel que se lhes cultive tambem o coração, séde de todo o sentimento, de modo que do sublime principio da caridade ellas possam fazer depois uma applicação menos restricta e acanhada que essa que por ahi se lhe dá vulgarmente.

O sr. Toledo visitou em pessoa todas as casas de ensino, sendo cordealmente acolhido não só pelos professores, como pelos alumnos que formam as juntas directivas das associações.

Os casos de intervenção a favor de anciãos, cegos, creanças indefezas e animaes, são já muito numerosos, e deram origem a que aos mais diligentes alumnos se distribuíssem 420 recompensas. O sr. Toledo tornou já extensiva a Madrid a sua meritoria obra, que, para bem do futuro da nossa terra, tanto conviria implantar entre nós.

Disse um philosopho que a sociedade virá por fim a desenganar-se de que a verdadeira beneficencia não deve ser parcial mas total, porque tanta caridade é proteger o hospicio ou o hospital como impedir a sociedade de corromper os seus costumes. Ora esses costumes só deixarão de ser corruptos e corruptores se a escola servir não só para instruir como tambem para moralisar, corrigindo assim as faltas de educação ou as educações defeituosas como são quasi na generalidade as ministradas em casa por paes incompetentes e desco-

nhecedores dos mais elementares principios educativos e vivendo n'un meio inteiramente avesso e differente do que devia ser.

Por tudo isso, repetimos, nos pareceu muito louvavel e para enaltecer a iniciativa d'aquelle benemerito da educação popular, vindo por isso recommendal-a aos que tenham, alem da nossa boa vontade, os meios de acção indispensaveis (fortuna e influencia) para entre nós fazer uma cousa que se lhe assemelhe cu que a exceda, se possivel fôr.

Já D. Antonio da Costa, o eminente pensador, affirmou o seguinte:

«Não instruamos sómente, que é um abysmo; instruamos educando,—que é a frondosa arvore do bem!»

(Da Revista do Bem).

Pena de morte

O conselho de guerra a que respondeo o soldado José Ribeiro, assassino do cabo de infantaria 16, de que a imprensa tanto se occupou, condemnou aquelle militar á pena de morte, precedida de exautoração.

No reinado de D. Carlos é a primeira sentença de morte proferida pelos tribunaes militares em Portugal, sendo porém, de esperar que esta pena seja ainda commutada.

Na quarta feira d'esta semana esteve nesta villa o sr. Antonio Lourenço da Silva, de Pedrogam Grande, que vae em viagem de recreio pelo estrangeiro, passando por Paris.

Muito boa viagem desejamos ao abastado capitalista e excellentes cavalheiro, e que regresse de perfeita saude á sua patria.

Segundo noticiam jornaes, vae ser elevado a marquez o sr. conde de Villa Flor, abastado proprietario de S. Thomé. O mesmo titular será tambem elevado ao parato.

A Junta de Credito Publico adquiriu por concurso publico, mais vinte mil libras, destinadas ao pagamento dos «coupons» externos de julho. Custou cada libra 4\$878 reis.

Lisboa elastica

De uma chronica de João Chagas:

«Lisboa não é uma cidade: é um elastico. Não tem barreiras fiscaes: sempre que um novo governo pretende lançar-lhe um novo tributo, estica-a. Não tem recinto civico: sempre que um novo governo quer um deputado por Lisboa ajunta-lhe um *postscriptum*, que ora é a Moita, ora é a Lourinhã. Foi sem duvida uma cidade: hoje é uma colcha de remendos. Não tem limite não tem zona. A sua area é a interminação, é o capricho. Quando Lisboa é pequena e não chega, deita-se-lhe um acresceto como uma manga curta.

Assim, a Cidade pareceu. Ficou um canto aberto, onde entra tudo, das mais afastadas distancias; deputados e queijos sabios, trazidos por locandeiras e almoceves.

Quem é de Lisboa?

Ter nascido em Lisboa é já uma incerteza, porque nascer em Lisboa, hoje em dia, é nascer um pouco na imaginação e no arbitrio, ora do sr. José Luciano, ora do sr. Hintze Ribeiro.

Lisboa n'uma palavra, não tem domicilio. É uma cidade fluctuante, arradia e vagabunda. . . »

Regressou hontem a esta villa, tendo passado alguns dias em Lisboa, o sr. D.º Manuel Carlos Pereira Baetta de Vasconcelos, digno presidente d'este municipio.

Retiraram para Coimbra os estudantes que aqui vieram passar as ferias do carnaval, srs.: Juvenal Quaresma Paiva, de medicina; Antonio da Costa Agria e Arthur Agria, de preparatorios; Eduardo Cactano d'Oliveira, de theologia.

Triste incidente

No theatro D. Amelia, em Lisboa, no domingo gordo n'um baile de mascaras e no meio da folia deida e ebria, morreu repentinamente, com uma congestão, uma comparsa d'aquella comedia do prazer.

N'um instante, viu finda a vida aquella que sonhava uma vida de goso e de ruido, levada pela madrugada fóra, em risos e galhofas, descuidadamente.

E a festa não se acabou nem se suspendeu. A nota tragica, d'uma vida que se perdeu, passou despercebida no meio da multidão que dançava, chalaccava, se embriagava e se apertava, tresloucada e alegre, anastesiada para a dor.

CARNAVAL

Foi quanto se pôde chamar insípido e sensaborão, como em anno algum não nos lembra em Figueiró dos Vinhos.

Nas ruas nada appareceu que prestasse ou chamasse a attenção dos que ainda esperavam por alguma cousa do carnaval antigo, apparecendo apenas um ou outro paco-vio sem nenhuma graça.

A tarde de domingo apresentou-se chuvosa, prén na segunda e terça feira tivemos tempo de primavera que muito se prestava a festejar o carnaval á moderna, o que tarde aqui se verá, como muito tempo levou que ás nossas primeiras cidades chegasse o carnaval civilisado que ha tantos annos já se fazia nas cidades de outras nações, como Nice, Veneza, Genova, Paris, Torim e outras.

* * *

No Club Figueiroense, onde nos demais annos as principaes familias se reuniam, onde tinhamos o entudo de fina-flor ou do salão aromatizado, nada houve d'estes divertimentos, devido a estarem de luto muitas das familias principaes de Figueiró, e ainda a outras estarem fóra da terra.

* * *

No salão do Gremio Artístico, que grande parte dos seus socios pertencem á classe commercial, é que nos tres ultimos dias houve bailes que correram com muita animação, boa ordem e grande concorrencia.

O salão, que estava artisticamente ornamentado e illuminado a acetylene, produzia um bello effeito, excedendo a expectativa de pessoas extranhas áquella sociedade que foram convidadas pela direcção.

No domingo foi ali a philharmonica fazer a sua inauguração.

E' sem duvida mais um elemento de progresso para esta terra e uma casa onde a classe artistica e outras possam recrear-se e instruir-se, dependendo a sua sustentação e prosperidade da boa direcção, escolhendo para seus dirigentes pessoas com a necessaria competencia e criterio.

Na terça feira foi concorridissimo o baile que durou até ás 4 horas da manhã, havendo um serviço de chá e doces em abundancia, em que os directores se esmeraram e como não era de esperar n'uma agremiação nascente e que pela primeira vez abre as suas portas.

O sr. Augusto d'Araujo Lacerda, digno solicitador, que como outros cavalheiros foram pela direcção convidados a tomar parte n'aquella diversão, foi ali na terça feira e subindo ao palco, agradeceu a gentileza do convite, fez o elogio aos iniciadores e directores do gremio, expondo a utilidade da sua fundação, congratulando-se com a ideia que considera mais um impulso dado ao progresso da sua terra, e terminou dizendo que sentia não poder acompanhar na sua festa, pelo motivo de estar de luto pela perda de um irmão querido, que ha mezes perdeu, retirando-se emseguida.

Ao seu pequeno mas bem architectado discurso, correspondeu uma prolongada salva de palmas.

CORRESPONDENCIAS

Castanheira de Pera 9 de março

No dia 2 do corrente rezou o sr. D.^r Eduardo Correia, no Hospital de S. José, uma missa suffragando a alma da sr.^a D. Maria Rosa Paiva, esposa do sr. Jeronymo Paiva.

A Castanheira honra-se por ter sido o berço d'esta virtuosissima senhora.

Assistiram, entre outras pessoas, quasi todos os membros da familia Correia e os srs. Joaquim Rodrigues Matheus e José Alves Bebianno, etc.

— Vieram passar as ferias de carnaval com suas familias os srs. Antonio Bebianno Correia, Adelmo e Alberto Carvalho, Marcolino Silva, Manuel Henriques Serrano e Alfredo Paes Correia Telles.

— Tambem aqui passaram o carnaval os srs. Masantine e Julio Fernandes, caixeiros de viagens, muito estimados.

— Tornaram-se por fim animadas as brincadeiras do entudo, destacando, como de costume, a rapaziada do Valle das Figueiras.

— No domingo, em quanto os paes ouviam missa, incendion-se o vestido d'um filhinho do sr. Dominges Ignacio Lameira, ficando em mizerio estado, por não haver quem lhe acudisse. Difficilmente escapará, estando ainda vivo devido aos cuidados e muito zelo do medico assistente sr. D.^r Guimaraes.

— Ha este anno sermões quaresmaes e Semana Santa em Castanheira de Pera.

Correspondente.

Veio passar alguns dias a Figueiró em companhia de sua extremosa mãe, o sr. Samuel de Lacerda Almeida, muito digno aspirante da alfandega, em Lisboa.

Esteve na quarta feira n'esta villa, segundo para Alvaizere, onde é digno conservador, o sr. D.^r João Antonio de Souto Brandão.

Passaram alguns dias n'esta villa, onde vieram visitar seu primo, o sr. Augusto Maria Cordeiro, que retiram amanhã para Coimbra, os srs.:

D.^r Augusto Cordeiro de Menezes, quintanista de direito e esposa D. Epifania Adelina de Campos Menezes; D. Zenobia Cordeiro de Menezes; D. Lucilia Zulmira de Menezes; D. Maria Augusta Cordeiro de Menezes; Victor Hugo de Menezes, e José Bonaparte de Menezes.

Hospedaram-se em casa do sr. Antonio de Vasconcellos.

Retirou para Leiria na quinta feira d'esta semana, a sr.^a D. Candida Mendes Rollo, que passou aqui alguns mezes, em casa do sr. Carlos Liberio, commerciante.

Arrematação

Foi posta em praça, que tem logar amanhã, nas estações telegrapho-postaes de Figueiró dos Vinhos e de Pombal, a conducção de malas do correio entre as duas localidades e para o que já ha a offerta de 1\$500 reis por carreira completa (ida e volta).

Guerra Junqueiro

El Pais escreve, ácerca do eminente poeta:

«Encontra-se entre nós, ha alguns dias, este eximio poeta lusitano, cujo labor litterario é tão grande e tão intenso.

Guerra Junqueiro veio a Madrid tratar-se d'uma enfermidade de que padecia. Durante a sua estada em Madrid, só estava em relações com o nosso illustre correigionario D. Nicolau Salvanon, de quem é grande amigo e a quem o unem as mesmas ideias politicas. O illustre poeta portuguez, com o seu largo chapéu mole, o seu casaco á vontade e ás suas barbas veneraveis, passou pelas ruas madrilenas, desaparecido por todos.

Guerra Junqueiro é hoje porventura o maior poeta da raça latina. A sua arte vem das entranhas sociaes, sempre fecundas para as obras de belleza. As estrofes inflammadas da sua musa encontrarão sempre uma recordação na memoria de quantos nutrem algum amor para a humanidade dos humilhes e sem ventura.

Entre outros, Junqueiro publicou os seguintes livros:

«A morte de D. João», «A Velhice do Padre Eterno», «Patria», «Simples», «Musa em ferias», «Oração do pão», «Oração á luz». Tem no prelo «O caminho do Céu», «Prometteu libertado», e um livro de philosophia.

Na actualidade não existe entre os grandes artistas da nossa raça um poeta revolucionario de tanta fibra como este insigne hospede que durante a sua permanencia em Madrid não foi cumprimentado por um unico escriptor. Portugal mesmo, cuja litteratura é tão prodiga em rebeldias, não pôde offerecer ao mundo outro poeta de tal alma e semelhante musa.

Guerra Junqueiro não tem discipulos. É o unico jardineiro do seu jardim, o unico poeta da sua poesia. Os seus versos falam aos pobres, aos famintos, ás bellas mulheres que vendem a sua carne e as suas caricias.»

Chegon hontem a esta villa com sua ex.^{ma} esposa, D. Sorha da Piedade Vera, o nosso presado amigo, sr. Joaquim Flaviano de Campos Jardim, ha dias consorciados em Villa de Rei.

Damos lhes as boas vindas.

«Ilustração Portugueza»

Recebemos e agradecemos o n.^o 70 d'esta excellente publicação que insere magnificas illustrações allusivas ao carnaval, e optimos artigos de litteratura.

Assigna-se na séde da empreza, rua Formosa, 43, Lisboa e nas estações telegrapho-postaes.

O Seculo, o Supplemento Humoristico d'O Seculo e a Ilustração Portugueza podem obter-se por assignatura em globo pelo preço assombrosamente reduzido de 9\$000 reis por anno, 4\$500 reis por semestre, 2\$250 reis por trimestre ou 750 reis por mez.

Experiencia sobre a cultura da batata

M. Anduard, director da estação agronomica de Nantes, inspirado pelos trabalhos de M. Marinet, no cantão de Vand (Snissa), fez, sobre a cultura da batata, experiencias que lhe permittiram tornar publicos os resultados obtidos até hoje, cujas conclusões são as seguintes:

1.^o A plantação das batatas, cortadas e plantadas de fórma que os seus renovos fiquem collocados para baixo, dão colheitas superiores ás fornecidas pelos meios tuberculos collocados no sentido inverso, isto é, com os renovos voltados para cima.

2.^o A adubação, na qual entre a combinação de potassa sob a fórma de sulfato, produz, em geral, colheitas muito mais importantes e tambem mais ricas, sob o ponto de vista alimenticio, do que as que tenham recebido a mesma combinação no estado de kainite.

Para explicar a acção da posição do tuberculo da semente, mr. Martinet admite que no caso em que os germens estejam todos sobre a face superior do tuberculo, as raizes desenvolvem-se mal; o corpo do tuberculo serve de obstaculo.

Se os germens, pelo contrario, estão em baixo, arrebentam de principio horisontalmente, depois dobram-se para se erguerem verticalmente ao lado do tuberculo.

As raizes nascem então mais numerosas d'estes germens compridos, e, encontrando terra por todos os lados, estendem-se vigorosamente.

Os rebentos multiplicam-se, propagam-se por assim dizer, pela grande intensidade da vegetação.

Necrologia

Na sexta feira da semana preterita, falleceu no logar do Bairrão, d'esta freguezia, o sr. Domingos Mendes d'Abreu, com a idade de 85 annos.

O enterro, que se realisou no dia seguinte, foi bastante concorrido e n'elle se incorporaram todas as irmandades, acompanhando-o tambem a Philharmonica Figueiroense.

A familia do respeitavel ancião extinto, endereçamos os nossos pezaes e especialmente a seu filho, sr. Manuel Mendes d'Abreu.

Litteratura — A vulgarização dos grandes escriptores.

Paiz d'analfabetos, não admira que entre nós se arrisque a tomar qualquer iniciativa de vulgarisar n'uma edição barata—100 reis—os grandes escriptores nossos e estrangeiros, como vaç fazer a empreza *Artes & Lettras*, casa editora portuense, cuja gerencia litteraria foi incumbida ao nosso collega na imprensa, snr. Castro Neves.

Por isso que essa edição supõe uma coragem e uma fé de verdadeiros patriotas, que não temem n'ella arriscar capitaes, merece ser com applausos acolhida por toda a gente.

A casa *Artes & Lettras* envia prospectos a quem os requisitar. Elles annunciam as obras primas dos escriptores mais eminentes de todos os paizes, sendo uma verdadeira novidade a edição dos nossos classicos de que só têm feito edições incompletas e caras.

ALMAS GRANDES

(De Bocage)

Ser prole de varões assignalados,
Que nas azas da fama e da victoria
Ao templo foram da immortal Memoria
Pendurar tropeus mil ensanguentados :

Ler seus nomes nas paginas gravadas
D'alta epopéa, d'elegante historia,
Não, não vos serve d'esplendor, de gloria,
Almas soberbas, corações inchados !

Ouvir com dôr o miseravel grito
De innoces, que um barbaro molesta,
Prezar o sabio consolar o afflicto ;

Prender teus vãos, Ambição funesta,
Ter amor á virtude, odio ao delicto,
«Das almas grandes a nobreza é esta.»

ATHEISMO

Não quer o impio dever nada a Deus,
Porque não quer um Julgador victor:
E não o quer porque, á soltura addicto,
Receia a pena dos desmandos seus.

«Que não ha Deus» ronca o atheu convicto,
E d'El' recebe como reu bastante:
«Deus não existe», repete elle ovante,
E teme o Alpha das nações bemdicto !

Mas ande o pobre lá por onde andar.
Seja atoniasta ou macaqueiro seja,
Mendigue ou tenha fabulosos fundos,

Ao Deus só deve, que fez terra e mar,
A vida, o ser, aonde um nada alveja
D'aquell' saber do grande Auctor dos mundos

A. Zoroastro.

«Passatempo»

Recebemos o n.º 112 d'esta illustrada publicação, cujo summario é o seguinte:

Carnaval—Estampa de pagina.
Chronica, por Antonio de Campos Junior—Nas vespersas de domingo gordo; os perús; a origem doída e a pagodeira ancestral; entrudo á antiga portugeza; o carnaval civilisado.

Cara de dois promontorios—Photogravura.

Negro de Caconda—Photogravura.

Outro negro de Caconda—Photogravura.

Menino a quem partiram um dente—Photogravura.

Typo de embirra—Photogravura.

Enfurecida com os trocistas—Photogravura.

Um pedaço d'asno—Photogravura.

Na Sociedade de Geographia—Artigo.

Africa Portugeza—«Rio Cuillo»—Photogravura.

Agua Morta—Continuação do romance de Antonio de Campos Junior. Com duas illustrações.

Cada numero semanal de 16 paginas 20 reis.

Por assignatura: 250 reis por trimestre.

Na Suissa

Com a febre crescente das estatisticas em Berne a administração calculou que os viajantes que annualmente visitam a Suissa dão áquelle paiz um lucro de 625 milhões de francos, ou sejam uns 125 mil contos aproximadamente.

Mas não contam o valor do phosphoro que deixam com os ossos d'aquelles que perdem a vida em ariscadas emprezas, das quaes nenhum beneficio resulta, de resto, para a Humanidade.

O edificio faz-se pedra a pedra; a pedra molecula a molecula. Assim tambem no dominio das idéas; e por ser morosa, quasi imperceptivel, a aggregação das particulas componentes de um ideal grandioso, a evolução não deixa de se fazer e de se completar.

O principio do «respeito á vida» está lançado. E' vêr como a nova postura sobre a caça, feita pela camara de Belmonte diz no seu artigo 9.º «E' prohibido destruir, tanto nos predios alheios como nos terrenos onde ha liberdade para caçar, os ui-

nhos ou ninhadas de qualquer especie de caça alada, bem como as lou-ras de caça de p llo.»

Quem, aqui ha dois seculos, se preocupava com os ninhos e ninhadas de passaros, e os punha ao abrigo das devastações alheias? Será utopia esperar que decorridos mais alguns annos a caça-divertimento haja desaparecido por completo do numero das instituições universalmente admittidas como boas?

AGRADECIMENTO

Jeronymo Lopes de Paiva, Joaquim Lopes de Paiva e Antonio Lopes de Paiva, vêem, penhoradissimos, agradecer ao Ex.º Sr. Dr. Eduardo Correia, da Castanheira de Pera, a celebração da missa que rezou no dia 2 d'este mez, sufragando a alma de sua extremosa e querida esposa e mãe e bem assim a todas as pessoas que honraram com a sua presença, tão piedoso acto.

ANNUNCIOS

RAFIA

Vende-se em grande quantidade na

Loja dos Quatro Globos

EM

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Benjamin A. Mendes.

CASA DE CONFIANÇA



Esta casa vende por preços baratissimos:—Relogios de sala, dictos de bolso, e objectos de ouro e prata.

Vende tambem *machinas de costura*, e todos os accessorios para as mesmas.

Executam-se concertos em toda a qualidade de relogios, machinas de costura, e em todos os objectos de ouro e prata, ficando perfeitos.

Todos os objectos são garantidos, restituído-se a importância por inteiro, ao freguez, no prazo de 15 dias, quando prove que foi *burlado*, tanto na qualidade do objecto como no preço.

David—Relojoeiro

Figueiró dos Vinhos.

Officina de Canteiro

DE

BERNARDINO DE FREITAS

CORREIO DOS CABAÇOS

«CORTIÇA»

Fornece cantarias com ornatos ou sem elles, á vontade e gosto do freguez.

Tambem se encarrega da construção de jazigos, por planta á vista, fornecida por elle ou pelo freguez.

Preços convencioneados, mas sem competencia.

nhã physionomia... Fez-me não sei que perguntas... não me lembro mesmo se aquella mulher permaneceu diante de mim... Basta!... não posso prolongar esta situação...

«Na tarde d'esse mesmo dia chamei, uma creada da hospedaria. Pedi-lhe que me vendesse algumas joias de pouco valor que eu possuia; eram minhas; minhas não... eram um roubo que eu fiz a minha mãe.

«Na manhã do dia seguinte, quando Vasco, depois de almoço visitava o visconde do Prado, escrevi estas linhas:

«Vasco de Seabra não pôde gloriar-se de ter deshonrado Henriqueta de Lencastre. Esta mulher sentia-se digna de uma corôa de virgem, virgem do coração, virgem na sua honra, quando abandonava um villão, que não pôde infectar da sua infamia o coração da mulher, que arrastou ao abysmo da sua lama, sem lhe salpicar a cara. Foi a providência que a salvou!»

«Deixe este escripto sobre as luvas de Vasco, e fui á estação dos caminhos de ferro.

«Dois dias depois entrava n'um paquete.

«Ao vêr a minha patria, cobri o rosto com as mãos, e chorei... Era a vergonha e o remorso. Diante do Porto senti uma inspiração do céo. Saltei n'uma catraia, e pouco depois achava-me n'esta terra, sem um conhecimento, sem um apoio, e sem subsistencia para muitos dias.

«Entreí em casa de uma modista e pedi obra. Não me negou. Aluguei uma agua-furtada, onde trabalho ha quatro annos; comprimo bem aos ribs, segundo a linguagem antiga, os cilícios do meu remorso.

«Minha mãe e meu irmão vivem. Julgam-me morta, e eu peço a Deus que não haja um indicio da minha vida. Sê-me tu fiel, meu generoso amigo, não me denunciés, pela tua honra, e pela sorte de tuas irmãs.

«Tu sabes o resto. Ouviste, no theato, Elisa. Foi ella que disse que seu marido a abandonára, chamando-lhe *Laura*. Aquella está punida...

«Sophia... lembra-te de Sophia? essa é uma pequena

cia. O talento é a vibração convulsiva do espirito, a originalidade inventiva e rebelde á auctoridade, a viagem extatica pelas regiões incognitas da idéa. Santo Agostinho, Fénelon, Madame de Stael, e Bentham são sabedorias. Luthero, Ninon de Lenclós, Voltaire e Byron são talentos. Compara as vicissitudes d'essas duas mulheres, e os serviços prestados á humanidade por esses homens, e terás encontrado o antagonismo social em que luctam o talento com a sabedoria.

«Porque é mau o homem de talento? Essa bella flôr porque tem no seio um espinho envenenado? Essa esplendida taça de brilhantes e ouro, porque é que contem o fel, que abrasa os labios de quem a toca?

«Aqui tens um thema para trabalhos superiores á cabeça de uma mulher, ainda mesmo reforçada por duas duzias de cabeças academicas!

«Lembra-me ouvir dizer a um doudo que soffria por ter talento. Pedi-lhe as circumstancias do seu martyrio sublime, e respondeu-me o seguinte, com a mais profunda convicção, e mais tocante solemnidade philosophica: Os talentos são raros, e os estupidos são muitos. Os estupidos guerreiam barbaramente o talento: são os vandalos do mundo espirital. O talento não tem partido n'esta peleja desigual. Foge, dispara na retirada um tiro de sarcasmos pungentes, e, por fim, isola se, segrega se do contacto do mundo, e curte em silencio aquelle fel de vingança, que, mais cedo ou mais tarde, cospe na cara de algum inimigo, que encontra desviado do corpo do exercito.

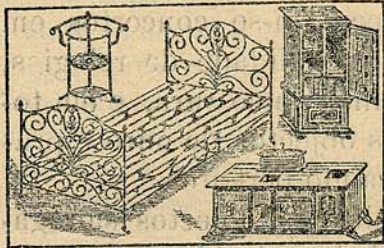
«Ahi te n—acrescentou elle—a razão porque o homem de talento é perigoso na sociedade. O odio inspira-lhe a eloquencia da traição. A mulher que lhe ouve o astucioso hymno das suas apaixonadas lamurias, acredita-o, abandona-se, perde-se, e retira-se, por fim, gritando contra o seu algoz, e pedindo á sociedade que grite com ella.

«Agora, diz-me tu. Carlos, até que ponto devemos acreditar este doudo. Eu por mim não me satisfazo com o seu

NA LOJA
DOS
QUATRO GLOBOS



FIGUEIRO DOS VINHOS



N'ESTE ESTABELECIMENTO
encontram-se á venda

camas de ferro a 2\$000,
ditas do mesmo metal (em diferentes fei-
tios), ditas de madeira (á franceza).—Me-
zas de cabeceira (com pedra e sem ella.—
Colchoaria completa.—Lavatorios (com to-
dos os seus pertences).—Cabides de ma-

deira.—Fogões e cofres de ferro em todas os tamanhos).—Simentos e
gessos (nacionaes e estrangeiros), para estuques.—Grande sortido em ar-
mures (pretos e de côres).—Lenços de sêda e de lã.—Relogios de meza
(affiançados por um anno).—Completo sortido em drogas, tintas, oleos e
vernizes.—Malas para roupa e para viagem.

Tudo por preços sem competidor, garantindo-se a boa qualidade de todos
os artigos, peso e medida.

Benjamim A. Mendes.

NOTA.—Qualquer artigo que tenha acabado, manda se vir em acto
continuo.

ARITMETICA PRATICA

por
ADELINO LOPES CARREIRA

A mais pratica, mais com-
pleta e que é adoptada em di-
versas escolas officiaes secun-
darias, como na «Rodrigues
Sampaio» e Casa Pia, de Lis-
boa; na Escola de Telegraphia
do Porto, e outras.

Encontra-se á venda em va-
rias livrarias de Lisboa e Porto,
podendo pedil-as ao editor—
Francisco Antonio d'Aguiar,
em Figueiro dos Vinhos, e á
livraria—Avellar Machado—

em Lisboa, as livrarias que
ainda a nao tenham.

LEONOR TELLS

SENSACIONAL ROMANCE HISTORICO

por

MARCELINO MESQUITA

O popular auctor do drama com
igual titulo, representado innumeras
vezes e applaudido enthusistica e
delirantemente nos theatros *D. Ma-
ria* e *D. Amelia*, acaba de firmar
contracto com «**A Editora**»
para a publicação d'este seu novo
original, verdadeira obra prima lite-
raria da actualidade.

Grande edição de luxo profusa-

mente illustrada com gravuras de pa-
gina a 12 côres, por Manuel de Ma-
cedo e Roque Gameiro, e impressa
em magnifico papel.

Caderneta semanal de 24 paginas
e 1 chromo ou 32 paginas de texto
—60 réis.—Tomo mensal, 300 réis.

Brinde a todos os srs. assignantes
—Um exemplar «gratis» a quem en-
viar a importancia de 10 caderne-
tas, tomos ou volumes.

Em publicação na «**A Editora**»
—Largo do Conde Barão, 50—Lis-
boa.

Acceptam-se correspondentes em
todas as terras do reino.

**Rudimentos de
Agricultura Pratica**

POR

D. LUIZ DE CSATRO

Agronomo e lente do Instituto de Agronomia
e Veterinaria

Livro profusamente illustrado,
250 réis

Edição esmerada da Livraria Ferim-
de Lisboa

Approvedo pela commissão da escolha de livros

Os pedidos d'este livro e da Cho-
rographia, de Raposo Botelho, po-
dem ser feitos á redacção d'este jor-
nal.

Os Dramas da Côrte

(Chronica do reinado de Luiz XV)

ROMANCE HISTORICO

DE

E. LABOUCETTE

A côrte de Luiz XV, com todos
os seus esplendores e misérias, é des-
cripta magistralmente pelo auctor
d'**O BASTARDO DA RAINHA** nas
paginas do seu novo livro, destinado
sem duvida a alcançar entre nós

exito equal áquelle com que foi re-
cebido em Paris, onde se contaram
por milhares os exemplares vendidos.

A edição portugueza do popular
e commovente romance, será feita
em fasciculos semanaes de 15 pagi-
nas, de grande formato, illustrados
com soberbas gravuras de pagina, e
constará apenas de 2 volumes.

20 réis o fasciculo
100 réis o tomo

2 VALIOSOS BRIDES
a todos os assignantes

Pedidos á—

Bibliotheca Popular

(Empreza Editora)

Rua da Rosa, 162—LISBOA

A AMBICÃO D'UM REI

por **Eduardo de Noronha**

Obra illustrada com numerosas
gravuras coloridas por Manuel de
Macedo e Roque Gameiro, e impres-
sa em magnifico papel.

Nova edição popular

Caderneta semanal de 16 pagi-
nas, 40 réis. Tomo mensal, 200
réis.

Um exemplar *gratis* a quem re-
metter adeantadamente a esta em-
preza a importancia de dez caderne-
tas ou tomos.

Brinde a todos os assignantes

Acceptam-se pedidos de qualquer
numero de cadernetas e tomos.

«**A Editora**»—Largo do
Conde Barão, 50—LISBOA.

Precisam-se agentes em todas as
terras do continente, colonias e Brazil.

systema, todavia sinto-me propensa a aperfeçoar o prisma
do doudo, até encontrar as côres inalteraveis do juizo.

«Seja o que fôr, eu creio que és uma excepção e não
soffria com isto a tua modestia. A tua carta fez-me chorar,
e acredito que soffias, escrevendo-a. Has-de continuar a
visitar-me espiritualmente na minha Thebaida, sem cilícios,
sim?»

«Agora, conclua-se a historia, que leva seus visos de
folhetim philosophico, moral, social, e não sei que mais
por ali se diz, que não vale nada.

«Contrahi amizade com a filha do visconde do Prado.
Não era ella, porém, tão intima, que me levasse a decla-
rar-lhe que Vasco de Seabra não era meu irmão. Por elle
me fôra imposto como preceito, o segredo das nossas re-
lações. Bem longe estava eu de comprehender este zelo
de virtuosa honestidade, quando a mão de um demonio
me tirou a venda dos olhos.

«Vasco amava Laura!! Eu puz dois pontos de admira-
ção, mas acredita que foi uma urgencia rhetorica, uma
composição artistica, que me obrigou a admirar-me, es-
crevendo de cousas que não me admiram, pensando.

«Que é o que levou tão depressa este homem a aborre-
cer-me, pobre mulher, que desprezei o mundo e me des-
prezei a mim propria para satisfazer-lhe o capricho de al-
guns mezes? Foi uma miseria que ainda hoje me enver-
gonha, supposto que esta vergonha, devesse ser um reflexo
das faces d'elle... Vasco amava a filha do visconde do
Prado, a *Laura* de alguns mezes antes, porque a Elisa de
hoje era a herdeira de não sei quantos centos de contos de
réis.

«Devo envergonhar-me de ter amado este homem, não
é verdade, Carlos? Não devo soffrer um instante a perda
de um miseravel, que eu vejo d'aqui com um grillheta de
ouro algemada a uma perna, tapando em vão os ouvidos
para não ouvir-lhe o ruido... a sentença do forçado que

o segue até ao fim de uma existencia farta de opprobio, e
celebre de infamias!

«E não soffro, Carlos! Tenho aqui no seio uma ulcera
que não tem cura... choro, porque é intensa a dôr que
ella me causa... mas, olha, não tenho lagrimas que não
sejam remorsos... não tenho remorsos que não sejam pi-
cados pela affronta que fiz a minha mãe, e a meu irmão...
Não me dôe o meu proprio aviltamento, não! Se em mi-
nha alma cabe algum enthusiasmo, algum desejo, é o en-
thusiasmo da penitencia, é o desejo de torturar-me...»

«Fugí tanto da historia, meu Deus... Desculpa estes
desvios, meu paciente amigo!... Eu queria correr muito
sobre o que me falta, e hei-de consegui-lo porque não pos-
so parar, e temo de me converter em estatua, como a
mulher de Loth, quando olho com attenção para o meu
passado...»

«O visconde do Prado convidou Vasco de Seabra a ser
seu genro. Vasco não sei como recebeu o convite; o que
eu sei é que os vinculos d'estas relações estreitaram-se
muito, e Elisa, desde esse dia, expandiu-se comigo em in-
timidades do seu passado, todas mentirosas. Estas intimi-
dades eram o prologo de outra que tu avaliarás. Foi ella
a propria que me disse que esperava ainda poder chamar-
me irmã! Isto é uma atrocidade sublime, Carlos! Diante
d'essa dôr calam-se todas as agonias possiveis! O insulto
não podia ser mais despedaçador! O punhal não podia
entrar mais dentro no virtuoso coração da pobre amante
de Vasco de Seabra!... Agora, sim, que eu quero a tua
admiração, meu amigo! Ouvi este annuncio dilacerante!
Senti fugir-me o entendimento... aquella mulher suffo-
cou-me a voz na garganta... horrorisei-me não sei se d'el-
la, se d'elle, se de mim... Nem uma lagrima!... credi-
tei-me douda... Senti-me estúpida d'aquelle idiotismo
pungente que faz chorar os extranhos, que nós vêem nos
labios um sorriso de imbecilidade...»

«Elisa parece que recuou aterrada da expressão da mi-